

12

O ENSINO DA ARTE ESTÁ
EM PERIGO?

SANDRA PALHARES

Resumo

Esta reflexão tenta responder à pergunta norteadora *O ensino da Arte está em perigo?* a partir de um conjunto de reflexões baseadas na prática docente do Ensino da Arte do Ensino da Arte em quatro Faculdades de Universidades diferentes de Portugal num período de quase uma década pautado por uma intensa diversidade e que, por essa e outras razões, permite elencar um conjunto de questões pertinentes, prementes e que se espera que possam contribuir para encontrar algumas respostas.

Introdução

Quando pensávamos sobre como iríamos abordar as questões subjacentes à questão norteadora do Primeiro Desafio da Rede Visível e que se têm tornado recorrentes entre pares, precisamente, pela urgência do debate e reflexão, chegámos à conclusão que faria sentido refletir a partir da prática docente do Ensino da Arte em quatro faculdades de quatro universidades diferentes de Portugal num período de quase uma década pautado por uma intensa diversidade.

As quatro instituições de ensino superior situam-se na região Litoral Norte de Portugal, sendo que três são públicas e uma é privada. Convém referir que todas as questões que iremos abordar sobre o Ensino da Arte são o resultado da perceção decorrente do diálogo estabelecido entre docente e alunos em sala de aula, da observação e avaliação de resultados de aprendizagens que, maioritariamente, resultaram de apresentação de trabalhos e ainda, resultantes da observação comparada relativa à motivação e empenho demonstrados pelos alunos relativa aos conteúdos lecionados em diferentes unidades curriculares mas que tinham em comum as Artes Visuais.

Atualmente, discute-se muito a educação e a escola do século XXI a partir do enquadramento dos polémicos resultados dos rankings e cuja divulgação tem gerado notícias sensacionalistas, mediáticas, alargando o debate a todos.

Independentemente das diferenças no debate sobre a educação existe já um consenso generalizado: o modelo pedagógico predominante desde que a educação se democratizou e baseado, essencialmente, no paradigma das metodologias rígidas bem mais sequenciais e repetitivas, próprias do saber transmissivo e declarativo dirigido a um aluno mais passivo, está ultrapassado. Aliás, a manter-se este paradigma chegaremos a um momento em que a quantidade de conhecimento acumulado não caberá na matriz dos currículos que se vêm pressionados a emagrecer.

Muitos projetos que decorrem tentam já antecipar a previsão um tanto apocalíptica na educação, ensaiando modelos que ambicionam uma sincronização maior com o tempo que vivemos. De facto, as transformações que se iniciaram desde a última década do século passado, período no qual a tecnologia avançou literalmente adentro das nossas vidas, mudaram o mundo. A partir do final do milénio, sucederam-se mudanças e transformações que originaram avanços inimagináveis e

nos levam a equacionar outra forma de entender o mundo.

No seio desta encruzilhada estão as Artes Visuais e o Ensino da Arte.

E, se é certo que as Artes Visuais tendem a cumpriciarem-se muito com as mudanças de paradigma, também é certo que são um campo fértil de experimentação estética que permite ampliar o necessário entendimento do mundo, fomentando a necessária educação participativa, sistêmica e disruptiva.

Aliás, é hoje inegável o contributo da Educação Artística para o desenvolvimento psicossociocognitivo da criança, como tem vindo a ser, continuamente, legitimado por estudos recentes, como o Roteiro para a Educação Artística da UNESCO.

A par desta reflexão fui realizando inúmeras tarefas inerentes à prática docente e à necessidade permanente de atualizar a informação sobre as diversas exposições que vão acontecendo um pouco por toda a parte. Ora foi, justamente, num desses momentos de serendipismo pela internet que encontrei uma notícia relacionada com a exposição "Poetry Never Gives Up" a decorrer desde o mês de Abril no Centro Cultural Cascais, Portugal e, que contava a história da artista Lita Cabellut que viveu nas ruas de Barcelona até aos 12 anos, altura em que foi adotada por uma família que a levaria, aos 13 anos, ao Museu do Prado onde descobriu a sua vocação.

Esta história é uma entre muitas outras que nos chegam sobre o impacto da Arte no percurso e escolha de pessoas. Muito provavelmente, são casos como estes que impulsionam e motivam os professores que advogam a importância do Ensino a Arte para as todas as crianças, jovens e adultos com a expectativa de proporcionar oportunidades que poderão ser determinantes para as escolhas das suas vidas. Se a Arte não integrar o currículo educativo estaremos a privar alguns da oportunidade de contactar com o mundo sensível porque as circunstâncias nas quais nascemos não são iguais e, quase sempre, são determinantes para perpetuar a desigualdade. O Ensino da Arte tende a minimizar e, em alguns casos, chega a erradicar a segregação social.

Quatro experiências do Ensino da Arte

Respeitando a ordem cronológica, de seguida, passo a relatar sucintamente as particularidades encontradas nos quatro contextos educativos das quatro faculdades e na expectativa que possam ser úteis e pertinentes para o debate sobre o estado da arte do Ensino da Arte.

No ano académico 2008-2009, lecionei a Unidade curricular Composição no curso de Licenciatura em Artes Plásticas e Intermédia na Escola Superior Artística do Porto.

Nesta unidade curricular as aulas eram essencialmente teóricas e combinavam-se com projeções de imagens que ilustravam os conceitos e tópicos abordados no programa, incentivando-se o diálogo com os alunos de maneira a conseguir promover a discussão e o debate.

Os alunos que frequentaram a referida Unidade curricular semestral mostraram-se sempre interessados, motivados e, alguns deles,

partilhavam na sala de aula exemplos diferentes daqueles que constituíam o referencial programático, mas que mantinham uma determinada relação com os conteúdos ou os temas abordados considerados relevantes. Neste sentido, o empenho demonstrado refletia-se no diálogo que suscitavam as aulas essencialmente teóricas e, finalmente, nos bons resultados do exame final.

Pouco depois, prossegui a atividade docente em duas unidades curriculares de desenho nos cursos de Licenciatura de Arquitetura e Design da Faculdade de Arquitetura e Design da Universidade Lusíada do Porto e de Vila Nova de Famalicão durante um período de quatro anos académicos compreendidos entre 2009 e 2013.

Neste contexto, a grande maioria dos alunos que frequentavam ditas unidades não sentiam, nem demonstravam o mesmo entendimento relativamente ao desenho que a grande maioria dos docentes de projeto. Muito provavelmente, esta situação seria consequência de uma geração de docentes fortemente influenciada pela formação na Faculdade de Arquitetura da Universidade Porto, sobejamente, reconhecida pela Arquitetura e pela importância atribuída ao desenho no processo de trabalho de projeto da arquitetura.

Centrando a questão no que realmente importa trazer para debate, o que realmente me fez questionar a abordagem ao ensino do desenho foi esta mudança de paradigma no que diz respeito ao desenho enquanto linguagem visual que permite a livre expressão e comunicação de ideias. De facto, comecei a questionar-me sobre o que poderia estar na origem de uma falta de motivação e empenho generalizada em experimentar processos e técnicas que permitissem desenvolver alguma habilidade, destreza no desenho e ainda encontrar formas livres e criativas de expressão. Em muitas das respostas obtidas através de diálogos em sala de aula, fui constatando que a grande maioria dos alunos atribuíam essa falta de motivação e empenho ao facto de na escola básica e, em alguns dos casos, no ensino secundário, não terem tido nenhuma formação e preparação. Alguns estudantes alegavam alguma inibição por conotarem a competência do desenhar a um dom inato característico de um perfil de aluno mais artístico. Por fim, outros alunos quando questionados sobre a aparente e, em alguns casos, efetiva falta de motivação para desenhar respondiam ainda que existiam programas de informática que permitiam elaborar o projeto sem precisar de passar pela etapa do desenho, acrescentando que não fazia muito sentido dedicar tanto tempo a aprender uma competência técnica quando existiam alternativas disponíveis bem mais rápidas e eficazes de comunicar a ideia do projeto.

Este último contexto confirma a supremacia da tecnologia em determinadas escolhas dos jovens. E não há dúvida que o desenvolvimento tecnológico abriu um precedente contra o qual não podemos lutar: o imediatismo. A tecnologia oferece respostas imediatas e, outrossim, impossíveis. É, justamente, esse imediatismo que torna alguns processos de aprendizagem mais difíceis como é o caso do exemplo dado.

Agora, voltando um pouco atrás e, em particular, ao comentário que os alunos faziam em relação ao dom que supunham ser indispen-

sável para que alguém pudesse utilizar o desenho ou outra forma de expressão afim, como será o caso da pintura ou da escultura, não deixa de ser surpreendente que ainda hoje se continue a considerar fundamentalmente a componente técnica destas áreas artísticas, relegando para segundo plano as outras dimensões do desenvolvimento cognitivo que também acontecem quando se utiliza a linguagem visual. Este consenso está intimamente ligado a uma noção tradicional da Arte, muito conotada com o virtuosismo técnico e que prevalece apesar das vanguardas do século XIX nos mostrarem formas que estão ao alcance de todos e de se ter libertado das competências técnicas combinada com uma aceção aristotélica de obra de arte muito baseada na ideia de mimese e representação da realidade.

A partir de 2014, prossegui a atividade docente no Instituto de Educação da Universidade do Minho, mais concretamente, na área da Educação Artística dirigida à formação graduada e pós-graduada, bem como formação não conducente a grau, inicial e contínua, de educadores, professores e outros técnicos e agentes de formação e intervenção socioeducativa para todos os níveis do sistema educativo, escolar e não escolar, bem como para todos os sectores de atividade que integram valências de educação, formação e aprendizagem ao longo de toda a vida.

E aqui começou um grande desafio que se mantém há já 4 anos.

Ainda em 2014, lecionei a unidade curricular semestral Teoria e História da Pintura no curso de mestrado de Pintura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. O objetivo da UC é ampliar o vocabulário crítico e reflexivo dos estudantes em relação à história e teorias significativas de pintura, com o apoio do professor. De facto, os alunos mostraram-se muito empenhados, houve uma participação ativa na sala de aulas demonstrando sempre motivação e interesse no desenvolvimento de conteúdos e tópicos pertinentes e relevantes que nortearam as suas pesquisas.

Voltando à docência na formação de educadores e professores que, atualmente, ocupa a minha atividade profissional, reitero o que afirmei antes: tem sido um grande desafio por uma dificuldade maior que considero acrescida. Ou seja, na educação artística dirigida a estudantes na área da educação a tarefa de advogar a importância do Ensino da Arte é bem mais difícil. E porquê? A atual geração na área da educação retrata o resultado do desinvestimento no ensino da Arte e a consequente pouca representatividade no currículo. A grande maioria dos estudantes que frequentaram as unidades curriculares afetas à Educação Artística durante o período destes últimos 4 anos revela dificuldades no desenvolvimento da prática criativa e onde a pesquisa e a experimentação constituem-se como vetores dominantes para a criação. Eventualmente, estas dificuldades decorrem da experiência passada educativa baseada no paradigma da aprendizagem declarativa e transmissiva e onde o aluno é bem mais passivo. Muitos comentam que lhes custa criar porque não estão habituados a fazê-lo e que não possuem determinados conceitos porque não estão familiarizados com práticas e com a cultura artística. Por fim, as percepções da grande maioria dos estudantes coincidem com as percepções dos estudantes do curso

de Arquitetura e Design no que diz respeito ao desenvolvimento das competências técnicas consideradas inerentes às Artes Visuais, à questão da mimese na representação e ainda, na valorização de um recurso ou procedimento mais tecnológico que facilitem resultados imediatos em detrimento dos processos e da sua importância nas aprendizagens.

Conclusões

A resposta à pergunta se o Ensino da Arte está em perigo divide-se em dois sentidos opostos.

A resposta do sim justifica-se pela fraca representatividade curricular, essencialmente, ao nível do currículo do ensino básico e, mais especificamente, no primeiro ciclo onde o cenário pode chegar a ser deveras alarmante e cujas várias repercussões serão apresentadas a modo de conclusão, sendo que algumas tomarão a forma de pergunta.

No sentido diametralmente oposto, a resposta é não, sendo justificado pelo facto da Arte se ter disseminado silenciosa e gradualmente pela sociedade até se emaranhar numa teia de relações que, muito provavelmente, estão para durar. Logo, especulamos abertamente que, se a dita disseminação da Arte estabelece relações com outras dimensões da sociedade, aparentemente, inabaláveis, logo mais cedo ou mais tarde, estas circunstâncias, certamente, poderão impulsionar um maior e desejável desenvolvimento do Ensino da Arte.

De seguida, elencamos as diferentes conclusões que, de certo modo, se interrelacionam e sustentam por um lado, o sim e, por outro, as que sustentam o não.

Pelos comentários da grande maioria dos estudantes e de alguns pares de outras áreas de conhecimento, a perceção que prevalece relativamente às Artes Visuais ainda está redutoramente relacionada com a sua praxis puramente tecnicista, circunscrevendo-as às necessárias habilidades e manualidades, promotoras de desejáveis desenvolvimentos gráfico-motores e, geralmente, pouco valorizáveis por outros domínios do conhecimento.

Para além desta perceção, as técnicas outrora restritas ao domínio artístico são hoje muito banalizadas e amplamente utilizadas na promoção de atividades de lazer que ocupam cada vez mais os tempos de espera no quotidiano das crianças. Questionamos se essa acessibilidade e banalização não poderá contribuir para um maior desinteresse por ditas atividades?

Esta observação remete-nos ainda para questão inerente à aprendizagem: haverá alguma relação causa-efeito entre a propósito obsessivo contemporâneo em manter a criança entretida? Será que este hábito não se repercute já nos défices ao nível da concentração tão reportados. Algumas crianças nativas digitais e urbanas também já começam a ter dificuldade a brincar com outras crianças e dificuldades em estarem sós sem gadgets ou sem qualquer outro tipo de objeto. Existirá alguma relação entre os hábitos de consumo gerados pela atual cultura de entretenimento que ocupa o que resta do tempo da criança com conteúdos fáceis e interações imediatas que não exigem muito esforço e a falta de

interesse e vontade que se começa a constatar de forma generalizada pelas atividades lúdicas que necessitam de mais tempo e esforço?

Outro aspeto pertinente trazer para debate é a necessidade de formar públicos que frequentemente exposições. Nos últimos quarenta anos houve um crescimento exponencial da oferta cultural ao nível das Artes Visuais, tanto ao nível da programação como ao nível da criação de equipamentos, alguns deles verdadeiramente notáveis pela sua ação junto das comunidades. No entanto, a esmagadora maioria dos estudantes não os frequentam e, em muitos casos, nem sabem da existência de alguns centros de arte de grande envergadura no espaço público e que, por essa razão, não é suposto passar tão despercebidos. Um exemplo concreto desta conjuntura pode ser o desconhecimento generalizado demonstrado pelos alunos dos cursos de educação sobre o recente Centro Internacional das Artes José de Guimarães, situado em pleno centro da cidade e integrado no Mercado da cidade Guimarães. Este comentário não pretende emitir algum tipo de juízo de valor, mas sim colocar a ênfase num ponto fulcral e que é de suma importância para o desenvolvimento do Ensino da Arte.

Em jeito de conclusão, a Arte por si só interessa ao primeiro grupo de alunos cuja área de estudos é a Arte enquanto que aos restantes alunos não.

Apesar das circunstâncias descritas, não podemos deixar de reconhecer o quanto os museus das Artes Visuais têm sido instituições didáticas fundamentais e o muito que têm contribuído na divulgação da arte ao grande público, contrariamente ao que acontece com o currículo desenhado pelas políticas de emagrecimento segundo lógicas economicistas sustentadas nos resultados dos polémicos rankings e que vão reduzindo a representatividade das Artes.

Para além da divulgação, o museu tem a vantagem de proporcionar ao visitante a fruição direta com a obra de Arte, contrariamente ao que acontece dentro da sala de aula que recorre sistematicamente à imagem impressa ou através de outro dispositivo que permita a sua visualização.

Consciente da importância desse contacto direto e da fruição, ao longo da docência de todas as diferentes unidades curriculares, foram sempre incentivadas as visitas a exposições, na expectativa que a fruição direta com a Arte surtisse algum impacto significativo.

Não obstante, com a exceção dos alunos que frequentavam os cursos das Artes Visuais e Pintura nas duas instituições e que se demonstravam especialmente interessados e visitavam regularmente exposições, a grande maioria dos alunos dos restantes cursos de ensino superior referidos demonstravam pouco interesse pela informação e pelas visitas.

Aliás, a grande maioria dos alunos parece fazer jus ao slogan de que a técnica mudou mesma a forma como vemos o mundo ao sucumbirem à experiência tecno mediada proporcionada pela visualização da obra através dos novos interfaces, fosse o ecrã do telemóvel, computador ou da projeção da imagem. De acordo com os seus comentários, a imagem da obra basta-lhes. No entanto, constatámos que os poucos

alunos a quem conseguimos proporcionar uma visita a um Museu ou aqueles que por iniciativa própria se dispuseram a visitar uma exposição ao longo do curso desenvolveram outro tipo de sensibilidade relativamente à importância de promover esses momentos cruciais de aprendizagem. Outros, à medida que vão tropeçando na Arte no seu percurso vão demonstrando mais interesse ao comentar esse facto na sala de aula e exprimir a sua opinião.

Resta-me referir outro indício do problema tão urgente de denúncia. Não me imaginaria capaz de ser docente nesta área caso não tivesse a experiência de ser artista e da prática artística porque não me seria possível ensinar com a mesma verdade. De facto, esse conhecimento adquirido pela prática projetual e que envolve o processo criativo faz diferença na hora de ensinar. Lamentavelmente, as universidades hoje não acautelam as especificidades da área e somos todos avaliados segundo rankings que estabelecem parâmetros que não se ajustam à carga horária distribuída pela docência, pela investigação e pela prática artística, tornando muito difícil manter um desejável e frutífero equilíbrio.

Neste sentido, tentámos refletir sobre os princípios estruturantes da ação educativa que se desenvolve na formação de artistas, educadores e professores, os diferentes tipos de propostas educativas que se propõem, o papel dos professores e dos alunos, os desafios e exigências com que estes se confrontam.

Finalmente, resta dizer que ao Ensino da Arte são intrínsecos uma série de pressupostos que são hoje ensaiados e equacionados nas experiências pedagógicas que ambicionam responder aos desafios enfrentados e que exigem a redefinição, a reconstrução, a reinvenção de conceções, práticas e, finalmente, a inclusão de todos os alunos nos processos de aprendizagem. Até a questão do espaço e da sua organização tão referida nas novas discussões sobre o ensino tem sido diferente em alguns casos do Ensino da Arte. O Ensino da Arte tende a suplantar o monólogo do professor por uma abordagem dialética, envolvendo a participação ativa e efetiva do aluno, promovendo momentos de aprendizagem bem mais significativos através da comunicação das suas ideias, projetos e desenvolvendo a capacidade reflexiva que lhes permite selecionar informação e mobilizar conhecimento para formalizar hipóteses das quais costumam emergir idiosincrasias interessantes. Ao formular hipóteses podemos vislumbrar diferenças e perspetivas alternativas de maneira a questionar criticamente a realidade da 4ª revolução industrial cujos conflitos ameaçam, cada vez mais, a paz entre os povos bem como a riqueza da diversidade cultural, patrimonial e ambiental cujas assimetrias económicas estão cada vez mais acentuadas. Urge integrar a Arte no currículo pela sua grande capacidade em transfigurar a realidade, possibilitando-nos outras perceções da realidade. Neste sentido, ainda que a Arte não mude o mundo, pode promover o pensamento crítico e, dessa forma, talvez consiga mudar as pessoas e aí sim, as pessoas podem mudar o mundo.

Num mundo densamente visual e em que a imagem ampliou o seu espaço de atuação e onde passámos a fazer mais coisas com as

imagens do que a fazer com coisas com as palavras, o Ensino da Arte pode ser uma preciosa ajuda para a necessária alfabetização do olhar e o desenvolvimento da literacia visual.

Na sequência das circunstâncias descritas e muito genericamente, no crescente empoderamento da imagem atual e no crescente desenvolvimento das indústrias que promovem o consumo da cultura visual nas suas mais variadas expressões e manifestações, a Ensino da Arte vai beneficiando desta conjuntura e emergindo por todo o lado ainda que se mantenha incipiente e insuficiente curricularmente.

Resta acrescentar que o carácter alargado dos estudos relacionados com a Arte favorece a multiplicidade de saídas profissionais em conformidade com as aprendizagens adquiridas. As Artes ocupam já o 5º lugar das áreas de estudo onde existem mais estudantes segundo um estudo de 2017. Este número também é um forte indicador da disseminação que falávamos e que, de algum modo, poderá contribuir para a mudança do paradigma educativo. Afinal, os números também contam. Talvez assim o currículo sucumba de uma vez aos números e às reais necessidades do mercado e pondere as necessárias alterações significativas relativamente à representatividade da Arte.